

PARTE III :

A REVOLUÇÃO DE 30 E O ESTADO NOVO

Textos:

035: Cronologia da crise dos anos 20	084
036: <i>Casa-Grande e Senzala</i> - Diferentes avaliações	087
037: <i>Casa-Grande e Senzala</i> - [1ª edição:1933] algumas passagens	089
038: O Samba e o Estado Novo	096
039: O Prólogo de duas constituições: 1934 e 1937	098
040: O Estado Novo - proclamação ao povo brasileiro	099
041: O Estado Novo e as classes trabalhadoras	101
042: O Músicas sobre a "Política de Boa Vizinhaça"	104
043: O O Cabo Laurindo e o fim do Estado Novo	105
044: Esquema do Parque Proletário Número 1 (da Gávea) - 1942	106

Texto 035: Cronologia da crise dos anos 20

1919 – Rui Barbosa, derrotado em 1910 e 1914, lança uma candidatura de protesto contra Epiácio Pessoa; mesmo sem máquina eleitoral, obtém c.1/3 votos e vence no DF;

1921 e 1923 – emissões maciças de moeda feitas por Epiácio Pessoa para realizar a 3ª valorização do café desvalorizam câmbio e geram inflação

1921 – O RS, liderado por Borges de Medeiros, vai contra a candidatura presidencial de Artur Bernardes, governador mineiro apoiado pelo eixo SP-MG; gaúchos denunciam o arranjo político SP-MG como uma forma de manter a política de valorização do café quando o país necessitava de finanças equilibradas; o RS recebe o apoio da BA, PE e Estado do RJ, formando a Reação Republicana e lançando Nilo Peçanha (Est. RJ) como candidato; a plataforma era: plano financeiro contra a inflação, conversibilidade da moeda e orçamento equilibrado; pediam proteção a todos os produtos brasileiros de exportação e não somente ao café;

out – o *Correio da Manhã* publica duas cartas (que em 1922 soube-se serem falsas) de Artur Bernardes criticando a posse de Hermes da Fonseca no Clube Militar, indispondo a classe militar contra Bernardes;

1922 – O Clube Militar – quando Bernardes já fora eleito mas ainda não tomara posse – protesta contra a utilização de tropas do Exército para intervir na política local de PE. O governo reage prendendo Hermes da Fonseca e fechando o Clube Militar (invocando a lei de 1921 contra associações nocivas ou contrárias à sociedade)

5 julho – revolta do Forte de Copacabana: jovens “tenentes” se revoltam para ‘salvar a honra do Exército’; rebeldes sofrem bombardeio e ficam cercados; no dia seguinte centenas de rebeldes se entregam, mas um grupo continua a resistir apesar do bombardeio por mar e ar. Dezesete militares (com a adesão de um civil) saem pela praia de Copacabana ao encontro das forças do governo. Apenas 2 rebeldes, feridos, sobrevivem (tenentes Siqueira Campos e Eduardo Gomes);

1923 – No RS, a Aliança Libertadora (antigos federalistas + dissidentes republicanos), insatisfeita com a reeleição de Borges de Medeiros em meio a acusações de fraude eleitoral, inicia uma guerra civil que irá durar até dezembro;

1924 (2º 5 de julho) – Tentativa de derrubar Artur Bernardes. Em SP, alguns quartéis são tomados e há uma batalha pelo controle da capital. “Tenentes” tomam a capital depois de 4 dias e ficam até o dia 27 de julho; governo retalia com artilharia, matando também civis; no dia 27 os tenentes abandonam a cidade e vão para o interior, formando a “coluna paulista”; enquanto isso, no RS, estourara uma revolta tenentista em outubro de 1924, liderada pelo tenente João Alberto e pelo capitão Luís Carlos Prestes; a “coluna gaúcha” se desloca para o PR, para se reunir à “coluna paulista”;

nov - revolta do encouraçado São Paulo; depois de troca de tiros com as fortalezas da Baía de Guanabara, o navio vai para Montevideu onde os rebeldes se exilaram;

1925 (abril) - junção das colunas paulista e gaúcha, formando a coluna Miguel Costa (SP)- Luís Carlos Prestes (RS) (mais tarde conhecida como "Coluna Prestes"), com o objetivo de percorrer o Brasil para propagar a idéia de revolução e levantar a população contra as oligarquias; até fev/mar de 1927 (quando os remanescentes vão para Bolívia e Paraguai), a Coluna percorre 24 mil km pelo interior do país; nunca passaram de 1500 pessoas e evitam entrar em choque direto com as forças governamentais, deslocando-se rapidamente; o pretense apoio da população rural não ocorreu e seu êxito militar era praticamente impossível; mas serviu como um símbolo para a população urbana insatisfeita;

1926 - Surge em SP o Partido Democrático, com um programa liberal: reforma política por meio do voto secreto e obrigatório, representação das minorias, independência dos três poderes, fiscalização a cabo do Judiciário; seus quadros eram compostos por profissionais liberais de prestígio e jovens filhos de fazendeiros de café; o PD despertou entusiasmo em parcela significativa da classe média e reúne 50 mil nomes em listas de apoio publicadas nos jornais; a despeito das fraudes, elege 3 deputados federais em 1927, mas apenas 2 deputados estaduais em 1928; em 1929, o PRP usa sua máquina política e o PD não consegue eleger nem mesmo um vereador;

1927 - Getúlio Vargas elege-se governador do Estado no RS e consegue um acordo entre o PRR (de Borges de Medeiros) e a Aliança Libertadora

1929 - A insistência de Washington Luís em apresentar a candidatura do paulista Júlio Prestes à sua reeleição, quebrando o acordo café-com-leite, leva os mineiros a entrarem em acordo com os gaúchos; forma-se a Aliança Liberal (com apoio também do PD) que tem como candidatos Getúlio Vargas e João Pessoa; a plataforma da Aliança Liberal era contrária à valorização exclusiva do café e a favor da ortodoxia financeira; propunha algum tipo de proteção trabalhista: extensão do direito à aposentadoria a alguns setores ainda não contemplados, regulamentação do trabalho dos menores e mulheres, aplicação da lei de férias; reconhecia a questão social (ao contrário de W.Luís, para quem ela era "questão de polícia"); defendia as liberdades individuais, a anistia (para os tenentes, p.ex.) e a reforma política (para assegurar a verdade eleitoral);

out - crise econômica mundial rebaixando os preços do café em meio a uma superprodução (safra 2 vezes maior do que a média das últimas três); Washington Luís, preocupado com o plano de estabilidade cambial (que iria fracassar) recusa a concessão de novos financiamentos e a moratória dos débitos dos cafeicultores

dez - congresso de lavradores paulistas ataca o governo

1930 – Júlio Prestes vence as eleições em março; as máquinas eleitorais foram utilizadas de lado a lado: no RS, Getúlio vence por 298 627 votos contra apenas 982; “tenentes” querem uma resposta pelas armas e o episódio do assassinato de João Pessoa, em 26 de julho, por motivos locais (desafeto político e pessoal João Dantas, na PB) proporciona uma legitimação ao golpe, desfechado a partir de outubro em MG, RS e no Nordeste; em 24 de outubro uma junta militar depõe o presidente da República e em 3 de novembro, depois de entrar na capital com 3 mil soldados, Getúlio Vargas toma posse na presidência

Texto 036: Casa-Grande e Senzala - Diferentes avaliações

“A geração de Gilberto Freyre foi surpreendida por esse processo de rápidas mudanças. Seus representantes viram o crescimento das novas usinas que substituíam os tradicionais engenhos de açúcar. Observaram um grande número de outras indústrias sendo construídas no sul. Descobriram um novo problema social: a classe operária. Viram os filhos de imigrantes tornarem-se empresários e os membros da ‘aristocracia’ tradicional ocuparem posições insignificantes. Confrontaram um novo estilo de vida e de política e não ficaram muito satisfeitos com o que viram. (...) Os paulistas (a versão brasileira do *Yankee*) aparentavam estar comprometidos com o progresso; aparentavam ter zombado de suas tradições, rompido com o passado. Gilberto Freyre escreveria a epopéia de *Casa Grande e Senzala*. Revelaria a tradição senhorial de uma maneira simpática. Engajar-se-ia numa ‘proustiana’ busca do tempo perdido**. Mostraria ao *Yankee* brasileiro e ao *Yankee* real os aspectos positivos de sua tradição. Nada parecia mais oportuno do que falar a respeito da democracia racial brasileira, especialmente num momento em que negros organizavam uma Frente Negra para lutar pela melhoria de suas condições de vida.

O problema era que com a gradual derrocada do sistema de clientela e patronagem e com o desenvolvimento de um sistema competitivo tornava-se mais difícil para negros e brancos evitar situações em que o preconceito e a discriminação tornar-se-iam visíveis. Se a manifestação de preconceito era basicamente incompatível com o velho sistema de clientela e patronagem, numa sociedade competitiva ela transformava-se num instrumento natural usado pelos brancos contra os negros. Os brancos tornaram-se mais conscientes de suas atitudes preconceituosas, uma vez que tinham que confrontar os negros em lugares que eles raramente freqüentavam antes (clubes, teatros, universidades e hotéis da classe superior) ou em momentos em que tinham que tratar, face a face, com um negro ‘agressivo’, ‘arrogante’ que não cumpria seu papel de acordo com as expectativas tradicionais de humildade e subserviência. Os próprios negros constataram, quando tiveram que competir por empregos e posições no mercado de trabalho sem o amparo de um patrão branco, que estavam submetidos à discriminação.” (VIOTTI DA COSTA, Emília. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Brasiliense. 3.ed. “O mito da democracia racial no Brasil”. pp.262-264)

“da mesma maneira que encontramos em *Casa Grande e Senzala* um vigoroso elogio da **confraternização** entre negros e brancos, também é perfeitamente possível descobrirmos lá **numerosas passagens que tornam explícito o gigantesco grau de violência inerente ao sistema escravocrata**, violência que chega a alcançar os parentes do senhor, mas que é majoritária e regularmente endereçada aos escravos.” (ARAÚJO, Ricardo Benzaquém. *Guerra e Paz*. p.48)

“É só nos anos 30 que, de suprema vergonha, a miscigenação se transforma em nossa mais sublime singularidade. O passe de mágica é formalizado por G.Freyre, que, em *Casa-Grande & Senzala* (1930), pinta um cenário bastante idealizado para a escravidão brasileira. Generalizando o ambiente particular e excepcional da escravidão doméstica - e transformando-a em um modelo do cativeiro local -, Freyre acabou **oficializando a idéia de que, no Brasil, teria**

existido uma 'boa escravidão', com seus senhores severos mas paternais, escravos fiéis e amigos.

Defendendo a tese de que, nos trópicos, tudo tende a 'amolecer', Freyre entendeu a mestiçagem brasileira não como o fruto de uma relação social assimétrica, ou de uma determinada conjuntura histórica desigual, mas **como um modelo de civilização** a ser reconhecido e, quiçá, exportado. Segundo esse autor, o português teria contado, em sua formação, com dois elementos distintivos: de um lado, a sua origem híbrida; de outro, sua proximidade geográfica com outros continentes, a América e a África. Essas coincidências históricas e geográficas teriam gerado, portanto, um povo avesso a preconceitos e capaz de tolerar diferenças e, mais ainda, acostumado a 'sincretizar' elementos culturais de ordem diversa.

Partindo, dessa maneira, de **uma tese exclusivamente culturalista, que pouco falava das determinantes econômicas**, Freyre encontrou, no Brasil, um resumo da personalidade portuguesa, que, na colônia, frutificava ao lado de outras culturas: a indígena e a negra. Se, de fato, *Casa-Grande & Senzala* representava uma crítica aos modelos raciais e evolucionistas de, é preciso dizer que Freyre muda os termos e revela novas filiações teóricas, mas **de forma alguma deixa de hierarquizar as raças. O branco é sempre o exemplo civilizatório**, acompanhado do indígena, que trouxe seus hábitos higiênicos e alimentares e, por fim, do negro, com sua 'religiosidade lúbrica'. Toda essa troca cultural é apresentada em um ambiente harmonioso, como se o contato entre culturas se fizesse numa espécie de 'toma lá, dá cá' e, sobretudo, não enfatizando as diferenças que se estabeleciam entre os grupos.

(...) "nesse momento (...) **o Estado Novo passa a adotar a miscigenação como símbolo de identidade da jovem nação** (...)

Com intenções políticas evidentes, a mestiçagem de mácula vira exemplo. A feijoada, de prato escravo, transforma-se em refeição nacional - dizem os folcloristas, com o branco do arroz, o marrom do feijão e o amarelo da laranja -, a capoeira deixa de ser criminalizada e mais e mais passa a ser reconhecida como esporte nacional, assim como as religiões mestiças ganham novo espaço. O samba, por outro lado, torna-se, **conjuntamente com suas mulatas**, um som 'tipicamente' brasileiro, uma referência à nossa 'sublime' identidade.

O mestiço, de degenerado, ressurgiu como um simpático malandro, oficializado na imagem do Zé Carioca criada por Disney em 1942. No desenho *Alô, Amigos*, surgia, pela primeira vez, o simpático papagaio que representava a malandragem mestiça brasileira, caracterizada por não fazer nada de muito errado, mas também nada de muito certo.

Enfim, *Casa-grande & Senzala* é recebido como espécie de modelo nacional que, ao invés da 'falta', encontrava excessos, excessos de significação na sociedade brasileira. Como vimos, o livro carregava também um mito: o mito da 'democracia racial'." (SCHWARCZ, Lilia In: SCWARCZ & REIS (Orgs.) [1996] *Negras Imagens*. São Paulo, EDUSP/Estação Ciência. Pp.163-4)

"uma inversão valorativa do papel que o mestiço e a mestiçagem ocupam na cultura brasileira. De degenerativa e causa dos grandes males nacionais, a mestiçagem passa a ser interpretada como um processo cultural positivo, em torno do qual (e de seus produtos, como o samba, a culinária afro-brasileira, as técnicas de higiene luso-tropicalistas etc.) os brasileiros poderiam inventar uma nova identidade." (VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. p.75)

“Freyre não poupa críticas irônicas a aspectos do comportamento e da personalidade dos senhores: a moleza e a preguiça feitas arte, a tendência para o deboche sexual e culinário, a perversidade, a violência, a crueldade inútil e substancialmente sádica para com os escravos. Mas talvez a coisa que mais o irritou foi a conclusão de que os senhores falharam, sobretudo, na tarefa de patriarca: não conseguiram dar o bom exemplo (...) a ética do trabalho e a postura perante os luxos dos senhores influenciaram profundamente os gostos e comportamentos dos escravos.

Mas há outros aspectos deste caldeirão de brasilidade e da nova ‘raça’ brasileira que é o conjunto da casa-grande e da senzala que ele, de forma mais ou menos explícita, elogia, nele identificando **o núcleo da futura personalidade brasileira – elástica, plástica, adaptável ao meio ambiente e às circunstâncias socioeconômicas**, - bem como **ambígua** - que constitui o tipo ‘luso-tropical’

(...) Gostaria de destacar em particular duas interessantes contribuições tanto do discurso quanto da etnografia de C&S. Por um lado, a **ênfase na coexistência de diferentes estratégias utilizadas pelos oprimidos** no seu relacionamento com os opressores, num contínuo que vai da resistência à negociação e à sedução (...) Por outro, Freyre salienta a existência de **um quadro no qual a hegemonia cultural nem sempre se dá**, devido ao fascínio recíproco, mesmo que mutável, entre opressor e oprimido, que deve ser reconquistado no dia-a-dia.”

(SANSONE,Livio. “As relações raciais em CG&S revisitadas à luz do processo de internacionalização e globalização” In: CHOR MAIO,M. & VENTURA,R. *Raça, Ciência e Sociedade*. R.Janeiro, Fiocruz: 1996. pp. 208-9.)

Texto 037: Casa-Grande e Senzala - [1ª edição:1933] algumas passagens importantes

p.lvii: “O Professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje a maior impressão. Conheci-o nos meus primeiros dias em Colúmbia. (...) **dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação**. Vi uma vez, depois de mais de três anos maciços de ausência do Brasil, um bando de marinheiros nacionais – mulatos e cafuzos (...) pela neve mole de Brooklyn. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. (...) A miscigenação resultava naquilo. Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929 Roquette-Pinto aos arianistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafuzos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafuzos e mulatos doentes.

Foi o estudo da Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura. A discriminar entre os efeitos de

p.lviii: relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. Também no da diferenciação entre hereditariedade de raça e hereditariedade de família.

Por menos inclinados que sejamos ao materialismo histórico, tantas vezes exagerado nas suas generalizações - principalmente em trabalhos de sectários e fanáticos - temos que admitir influência considerável, embora nem sempre

preponderante, da técnica da produção econômica sobre a estrutura das sociedades; na caracterização da sua fisionomia moral. É uma influência sujeita à reação de outras; porém poderosa como nenhuma na capacidade de aristocratizar ou de democratizar as sociedades, de desenvolver tendências para a poligamia ou a monogamia, para a estratificação ou a mobilidade. Muito do que se supõe, nos estudos ainda tão flutuantes de eugenia e de cacogenia, resultado de traços ou taras hereditárias preponderando sobre outras influências, deve-se antes associar à persistência, através de gerações, de condições econômicas e sociais, favoráveis ou desfavoráveis ao desenvolvimento humano. Lembra Franz Boas que, admitida a possibilidade da eugenia eliminar os elementos indesejáveis de uma sociedade, a seleção eugênica deixaria de suprimir as condições sociais responsáveis pelos proletariados miseráveis - gente doente e mal nutrida; e persistindo tais condições sociais, de novo se formariam os mesmos proletariados.'

p.lix: No Brasil, **as relações entre os brancos e as raças de cor foram desde a primeira metade do século XVI condicionadas, de um lado pelo sistema de produção econômica. - a monocultura latifundiária, do outro, pela escassez de mulheres brancas**, entre os conquistadores. O açúcar não só abafou as indústrias democráticas de pau-brasil e de peles, como esterilizou a terra, numa grande extensão em volta aos engenhos de cana, para os esforços de policultura e de pecuária. E exigiu uma enorme massa de escravos. A criação de gado, com possibilidades de vida democrática, deslocou-se para os sertões. Na zona agrária desenvolveu-se, com a monocultura absorvente, uma sociedade semifeudal - uma minoria de brancos e brancarões dominando patriarcais, polígamos, do alto das casas-grandes de pedra e cal, não só os escravos criados aos magotes nas senzalas como os lavradores de partido, os agregados, moradores de casas de taipa e de palha vassalos das casas-grandes em todo o rigor da expressão."

p.lx: Vencedores no sentido militar e técnico sobre as populações indígenas; **dominadores absolutos dos negros importados da África para o duro trabalho da bagaceira, os europeus e seus descendentes tiveram entretanto de transigir com índios e africanos quanto às relações genéticas e sociais**. A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixarem de ser relações - as dos brancos com as mulheres de cor - de "superiores" com "inferiores" e, no maior número de casos, de senhores desabusados e sádicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto, com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituírem família dentro dessas circunstâncias e sobre essa base. A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido de aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sanduichada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação. A índia e a negra-mina a princípio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e ate esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social no Brasil. Entre os filhos mestiços, legítimos e mesmo ilegítimos, havidos delas pelos senhores brancos, subdividiu-se parte considerável

das grandes propriedades, quebrando-se assim a força das sesmarias feudais e dos latifúndios de tamanho de reinos.

p.lxi: **Ligam-se à monocultura latifundiária males profundos que têm comprometido, através de gerações, a robustez e a eficiência da população brasileira**, cuja saúde instável, incerta capacidade de trabalho, apatia, perturbações de crescimento, tantas vezes são atribuídas à miscigenação. Entre outros males, o mau suprimento de víveres frescos, obrigando grande parte da população ao regime de deficiência alimentar caracterizado pelo abuso de peixe seco e da farinha de mandioca (...) A importância da hiponutrição (...) da fome crônica, originada não tanto da redução em quantidade como dos defeitos da qualidade dos alimentos, traz a problemas indistintamente chamados de 'decadência' ou 'inferioridade' das raças, novos aspectos e, graças a Deus, maiores possibilidades de solução. (...) Não se devem esquecer outras influências sociais que aqui se desenvolveram com o sistema patriarcal e escravocrata de colonização: a sífilis, por exemplo, responsável por tantos dos 'mulatos doentes' de que fala Roquette Pinto (...)

A formação patriarcal do Brasil explica-se, tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de 'raça' e de 'religião' do que em termos econômicos, de experiência de cultura e de organização de família, que aqui foi a unidade colonizadora."

p.lxiii: **"A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político:** de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o bangüê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao *pater familias*, culto dos mortos, etc.); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o 'tigre', a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo). Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa casa de misericórdia amparando os velhos e as viúvas, recolhendo órfãos."

p.lxvii: "A casa-grande venceu no Brasil a Igreja, nos impulsos que esta a princípio manifestou para ser a dona da terra. Vencido o jesuíta, **o senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho.** O verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos. (...) Donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres."

p.lxxv: **"A história social da casa-grande e da senzala é a história íntima de quase todo brasileiro:** de sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas credices da senzala. (...) Nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro; a nossa continuidade social. No estudo da sua história íntima despreza-se tudo o que a história política e militar nos oferece de empolgante por uma quase rotina de vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo. Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o 'tempo perdido' . (...) uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos."

p.lxxxii: **“Ensaio de Sociologia genética e de História social**, pretendendo fixar e às vezes interpretar alguns dos aspectos mais significativos da formação da família brasileira.”

p.50: “O intercuro sexual entre o conquistador europeu e a mulher índia não foi apenas perturbado pela sífilis e por doenças européias de fácil contágio venéreo: verificou-se – o que depois se tornaria extensivo às relações dos senhores com as escravas negras – **em circunstâncias desfavoráveis à mulher. Uma espécie de sadismo do branco e de masoquismo da índia ou da negra terá predominado nas relações sexuais como nas sociais do europeu com as mulheres das raças submetidas ao seu domínio.** O furor femeeiro do português se terá exercido sobre vítimas nem sempre confraternizantes no gozo. (...) Isto quanto ao sadismo de homem para mulher – não raro precedido pelo de senhor para muleque. Através da submissão do muleque, seu companheiro de brincados e expressivamente chamado leva-pancadas, iniciou-se muitas vezes o menino branco no amor físico. (...) p.51: **Transformava-se o sadismo do menino e do adolescente** no gosto de mandar dar surra, de mandar arrancar dente de negro ladrão de cana, de mandar brigar na sua presença capoeiras, galos e canários – tantas vezes manifestado pelo senhor de engenho quando homem feito; no gosto de mando violento ou perverso que explodia nele ou no filho bacharel quando no exercício de posição elevada, política ou de administração pública; ou no simples e puro gosto de mando, característico de todo brasileiro nascido ou criado em casa-grande de engenho. (...) abrutalhado em rude autoritarismo num Floriano Peixoto.

Mas **esse sadismo de senhor e o correspondente masoquismo de escravo, excedendo a esfera da vida sexual e doméstica, têm-se feito sentir através da nossa formação, em campo mais largo: social e político.** Cremos surpreendê-los em nossa vida política, onde o mandonismo tem sempre encontrado vítimas em quem exercer-se com requintes às vezes sádidos (...) A nossa tradição revolucionária, liberal, demagógica, é antes aparente e limitada a focos de fácil profilaxia política: no íntimo, o que o grosso do que se pode chamar de ‘o povo brasileiro’ ainda goza é a pressão sobre ele de um governo másculo e corajosamente autocrático.”

p.52: “a tradição conservadora no Brasil sempre se tem sustentado do sadismo do mando, disfarçado em ‘princípio de Autoridade’ ou ‘defesa da Ordem’. Entre essas duas místicas – a da Ordem e a da Liberdade, a da Autoridade e a da Democracia – é que se vem equilibrando entre nós a vida política, precocemente saída do regime de senhores e escravos. Na verdade o equilíbrio continua a ser entre as realidades tradicionais e profundas: sadistas e masoquistas, senhores e escravos, doutores e analfabetos, indivíduos de cultura predominantemente européia e outros de cultura principalmente africana e ameríndia. (...) **Talvez em parte alguma se esteja verificando com igual liberalidade o encontro, a intercomunicação e até a fusão harmoniosa de tradições diversas, ou antes, antagônicas, de cultura, como no Brasil.** É verdade que o vácuo entre os dois extremos ainda é enorme; (...) Mas não se pode acusar de rígido, nem de falta de mobilidade vertical – como diria Sorokin – o regime brasileiro, em vários sentidos sociais um dos mais democráticos, flexíveis e plásticos. (...) a cultura européia se pôs em contato com a indígena, amaciada pelo óleo da mediação africana.”

p.283: **“Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo - há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil - a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro.** No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro. A influência direta, ou vaga e remota, do africano.

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que e expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. Do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo.”

p.294: **“Diante da possibilidade da transmissão de caracteres adquiridos, o meio, pelo seu físico e pela bioquímica, surge-nos com intensa capacidade de afetar a raça, modificando-lhe caracteres mentais que se tem pretendido ligar a somáticos.** (...) Admitida (...) a possibilidade de gradualmente, através de gerações, conformar-se o adventício a novo tipo físico, diminui, consideravelmente, a importância atribuída a diferenças hereditárias de caráter mental, entre as várias raças. Diferenças interpretadas como de superioridade e inferioridade e ligadas a traços ou caracteres físicos.”

p.295: “O que se sabe das diferenças da estrutura entre os crânios de brancos e negros não permite generalizações.”

p.296: **“Nem merece contradita séria a superstição de ser o negro, pelos seus caracteres somáticos, o tipo de raça mais próximo da incerta forma ancestral do homem cuja anatomia se supõe semelhante à do chimpanzé.** Superstição em que se baseia muito do julgamento desfavorável que se faz da capacidade mental do negro. Mas os lábios do macaco são finos como na raça branca e não como na preta – lembra a propósito o Professor Boas. Entre as raças humanas são os europeus e os australianos os mais peludos de corpo e não os negros. De modo que a aproximação quase se reduziria às ventas mais chatas e escancaradas no negro do que no banto.” (...) “O depoimento dos antropólogos revela-nos no negro traços de capacidade mental em nada inferior à das outras raças: ‘considerável iniciativa pessoal, talento de organização, poder de imaginação, aptidão técnica e econômica’, diz-nos o Professor Boas. E outros traços superiores.”

p.297: **“Quanto aos testes chamados de inteligência, muitos deles de resultados tão desfavoráveis ao negro, sua técnica tem sofrido restrições sérias.** Goldenweiser ridiculariza-os (...) ‘ (...) Quando alguém exprime qualquer bobagem em palavras não há dano nenhum; mas se a exprime em fórmulas matemáticas surge o perigo da roupagem matemática dissimular a bobagem.’ (...) Não se negam diferenças mentais entre brancos e negros. Mas até que ponto essas diferenças representam aptidões inatas ou especializações devidas ao ambiente ou às circunstâncias econômicas de cultura é problema difícilimo de apurar.”

p.298: “Lowie parece-nos colocar a questão em seus verdadeiros termos. Como Franz Boas, ele considera **o fenômeno das diferenças mentais entre grupos humanos mais do ponto de vista da história cultural e do ambiente de cada um do que da hereditariedade** ou do meio geográfico puro.”

p.299: “importaram-se para o Brasil, da área mais penetrada pelo Islamismo, **negros maometanos de cultura superior não só à dos indígenas como à da grande maioria dos colonos brancos** – portugueses e filhos de portugueses quase sem instrução nenhuma, analfabetos uns, semi-analfabetos a maior parte. (...) O Abade Étienne revela-nos sobre **o movimento malê da Bahia em 1935** aspectos que quase identificam essa suposta revolta de escravos com um desabafo ou erupção de cultura adiantada, oprimida por outra, menos nobre. (...) Fosse esse movimento puramente malê ou maometano, ou combinação de vários grupos sob líderes muçulmanos, o certo é que se destaca das simples revoltas de escravos dos tempos coloniais. Merece lugar entre as revoluções libertárias, de sentido religioso, social ou cultural. (...) É que nas senzalas da Bahia de 1835 havia talvez maior número de gente sabendo ler e escrever do que no alto das casas-grandes.”

p.304: “**interessam-nos menos as diferenças de antropologia física (que ao nosso ver não explicam inferioridades ou superioridades humanas, quando transpostas dos termos de hereditariedade de família para os de raça) que as de antropologia cultural e de história social africana.**”

p.308: “Diante dos caboclos os negros foram elemento europeizante. Agentes de ligação com os portugueses” (...)

“O Brasil não se limitou a recolher da África a lama de gente preta que lhe fecundou os canaviais e os cafezais; que lhe amaciou a terra seca; que lhe completou a riqueza das manchas de massapé. Vieram-lhe da África ‘donas de casa’ para seus colonos sem mulher branca; técnicos para as minas; artífices em ferro; negros entendidos na criação de gado e na indústria pastoril; comerciantes de panos e sabão; mestres, sacerdotes e tiradores de reza maometanos.”

p.315: “**parece-nos absurdo julgar a moral do negro no Brasil pela sua influência deletéria como escravo.** (...) o africano foi muitas vezes obrigado a despir sua camisola de malê para vir de tanga, nos [navios] negreiros imundos, da África para o Brasil. Para de tanga ou calça de estopa tornar-se carregador de tigre [barril contendo excrementos]. A escravidão desenraizou o negro do seu meio social e de família, soltando-o entre gente estranha e muitas vezes hostil. Dentro de tal ambiente, no contato de forças tão dissolventes, seria absurdo esperar do escravo outro comportamento senão o imoral, de que tanto o acusam.

Passa por ser defeito da raça africana, comunicado ao brasileiro, o erotismo, a luxúria, a depravação sexual. Mas o que se tem apurado entre os povos negros da África, como entre os primitivos em geral (...) p.316 é a maior moderação do apetite sexual que entre os europeus. (...)

Diz-se geralmente que a negra corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando precocemente no amor físico os filhos-família. Mas essa corrupção não foi pela negra que se realizou, mas pela escrava. Onde não se realizou através da africana, realizou-se através da escrava índia. (...)

É um absurdo responsabilizar-se o negro pelo que não foi obra sua nem do índio, mas do sistema social e econômico em que funcionaram passiva e mecanicamente. **Não há escravidão sem depravação sexual.** (...)

p.317 é preciso notar que o negro se sifilizou no Brasil. Um ou outro viria já contaminado. A contaminação em massa verificou-se nas senzalas coloniais. A 'raça inferior', a que se atribui tudo que é handicap no brasileiro, adquiriu da 'superior' o grande mal venéreo que desde os primeiros tempos de colonização nos degrada e diminui. Foram os senhores das casas-grandes que contaminaram de lues as negras das senzalas. Negras tantas vezes entregues virgens, ainda mulecas de doze e treze anos, a rapazes brancos já podres da sífilis das cidades. Porque por muito tempo predominou no Brasil a crença de que para o sífilítico não há melhor depurativo do que uma negrinha virgem."

Edição utilizada: FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala - Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora: 1977. 18.ed.

Texto 038: O samba e o Estado Novo

Da exaltação da malandragem:

Se eu precisar algum dia/De ir pro batente,/ Não sei o que será, Pois vivo na malandragem,/E vida melhor não há/ Minha malandragem é fina/ não desfazendo de ninguém/ Deus é quem nos dá a sina/ E o valor dá-se a quem tem/ Também dou minha bola/ Golpe errado ainda não dei/ Eu vou chamar Chico Viola/ Que no samba ele é rei/ Dá licença Seu Mário/ Oi, não há vida melhor/ Que vida melhor não há/ Deixa falar quem quiser/ Deixa quem quiser falar/ O trabalho não é bom/ Ninguém pode duvidar/ Oi, trabalhar só obrigado/ Por gosto ninguém vai lá (*O que será de mim*, Ismael Silva e Nilton Bastos, 1931)

"Meu chapéu do lado/ Tamanco arrastado/ Lenço no pescoço/ Navalha no bolso/ Eu passo gingando/ Provoco e desafio/ Eu tenho orgulho/ Em ser tão vadio/ Sei que eles falam de mim/ Deste meu proceder/ Eu vejo quem trabalha/ Andar no miserê/ Eu sou vadio/ Porque tive inclinação/ Eu me lembro, era criança/ Tirava samba-canção/ Comigo não/Eu quero ver quem tem razão/ E ele toca/ E você canta/E eu não dou" (*Lenço no pescoço*, Wilson Batista, 1934)

À exaltação do trabalho:

"Deixa de arrastar o seu tamanco/ Pois tamanco nunca foi sandália/ E tira do pescoço o lenço branco/ Compra sapato e gravata/ Joga fora essa navalha/ Que te atrapalha/ Com o chapéu do lado deste rata/ Da Polícia quero que escapes/ Fazendo samba-canção/ Já que tens papel e lápis/ Arranja um amor e um violão/ Malandro é palavra derrotista/ Que só serve pra tirar/ Todo o valor do sambista/ Proponho ao povo civilizado/ Não te chamar de malandro/ E sim de rapaz folgado"
(*Rapaz folgado*, Noel Rosa, 1934)

**"Quem trabalha é que tem razão,/ Eu digo e não tenho medo de errar,/ O bonde São Januário/ Leva mais um operário/ Sou eu que vou trabalhar./ Antigamente eu não tinha juízo,/ Mas resolvi garantir o meu futuro,/ Sou feliz, vivo muito bem/ A boemia não dá camisa a ninguém/ E digo bem.
(*Bonde São Januário*, de Wilson Batista e Aaulfo Alves, sucesso no carnaval de 1941)**

"Eu hoje tenho tudo,/ Tudo o que um homem quer./ Tenho dinheiro,/ Automóvel e uma mulher./ Mas, para chegar/ Até o ponto em que cheguei,/ Eu trabalhei, trabalhei, trabalhei./ Eu hoje sou feliz,/E posso aconselhar,/ Quem faz o que já fiz,/ Só pode melhorar./Quem diz que o trabalho/ Não dá camisa a ninguém/ Não tem razão, não tem, não tem." (*Eu trabalhei*, Roberto Roberti e Jorge Faraj, 1941)

"Vejam só/ A minha vida como está mudada,/ Não sou mais aquele/ Que entrava em casa alta madrugada./ Faça o que fiz/ Porque a vida é do trabalhador/ Tenho um doce lar/ E sou feliz com meu amor./ O Estado Novo/ Veio para nos orientar/ No Brasil não falta nada,/ Mas precisa trabalhar./ Tem café, petróleo e ouro,/ Ninguém pode duvidar, / E quem for pai de quatro

filhos,/ O presidente mandou premiar/ É negócio casar." (*É negócio casar*, Ataulfo Alves e Felisberto Martins, c.1940)

Controle e Nacionalismo:

"Em 1940, lá no morro, começaram o recenseamento/ E o agente recenseador/ Esmiuçou a minha vida/ Que foi um horror/ E quando viu a minha mão sem aliança/ Encarou para a criança que no chão dormia/ E perguntou se meu moreno era decente/ E se era do batente ou era da folia/ Obediente que sou a tudo que é da lei/ Fiquei logo sossegada e falei então:/ - O meu moreno é brasileiro, é fuzileiro/ É quem sai com a bandeira do seu batalhão/ A minha casa não tem nada de grandeza/ Nós vivemos na pobreza sem dever tostão/ Tem um pandeiro, tem cuíca e um tamborim/ Um reco-reco, e um cavaquinho e um violão/ Fiquei pensando e comecei a descrever/ Tudo, tudo de valor que o meu Brasil me deu.../ Um céu azul, um Pão-de-Açúcar sem farelo/ Um pano verde-amarelo/ Tudo isso é meu!/ Tem feriado que pra mim vale fortuna.../ A Retirada de Laguna vale um cabedal!/ Tem Pernambuco, tem São Paulo e tem Bahia/ Um conjunto de harmonia que não tem rival!

(*Recenseamento*, Assis Valente, 1940)

"Ele nasceu sambista / com a tal veia de artista / carteira de reservista / está legal com o senhorio / não pode ouvir pandeiro, não / fica cheio de dengo / é torcida do Flamengo / nasceu no Rio de Janeiro

Ele trabalha de segunda a sábado / Com muito gosto, sem reclamar / Mas no domingo ele tira o macacão / Embandeira o barracão / Põe a família pra sambar

Lá no morro ele pinta o sete / Com ele ninguém se mete / Ali ninguém é fingido

Ganha-se pouco mas é divertido."

(*Ganha-se pouco mas é divertido* - Wilson Batista e Ciro de Souza, 1941)

(faixa 2 do CD de Cristina Buarque com o mesmo título, c.1999-2000):

Driblando a censura

"Eu já não posso mais / a minha vida não é brincadeira / estou me desmilinguindo / igual a sabão na mão da lavadeira / se ele ficasse em casa / ouvia a vizinhança toda falando / só por me ver lá no tanque / lesco-lesco / me acabando.

Se eu arranjo um trabalho / ele vai de manhã, de tarde pede 'as conta' / eu já estou cansado de dar / murro em faca de ponta / ele disse pra mim que está esperando ser presidente / tirar patente / no sindicato dos inimigos do batente. Ele dá muita sorte, é um moreno forte / ele é mesmo um atleta / mas tem um grande defeito: / ele diz que é poeta / ele tem muita bossa / e compôs um samba e quer abafar (é de amargar) / eu não posso mais / em nome da forra vou desguiar.

(*Inimigo do batente* - Wilson Batista e Germano Augusto; 1941)

(do CD acima, faixa 7)

Texto 039: O Prólogo de duas constituições: 1934 e 1937:

I. Carta de 1934 (16/07/1934)

"Nós, os representantes do Povo Brasileiro, pondo a nossa confiança em Deus, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para organizar um regime democrático, que assegure à Nação a unidade, a liberdade, a justiça e o bem-estar social e econômico, decretamos e promulgamos a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL."

II. Carta de 1937 (10/11/1937)

"O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil,

Atendendo às legítimas aspirações do povo brasileiro à paz política e social, profundamente perturbado por conhecidos fatores de desordem, resultantes da crescente agravação dos dissídios partidários, que uma notória propaganda demagógica procura desnaturar em luta de classes, e da extremação dos conflitos ideológicos, tendentes, pelo seu desenvolvimento natural, a resolver-se em termos de violência, colocando a Nação sob a funesta iminência da guerra civil.

Atendendo ao estado de apreensão criado no país pela infiltração comunista, que se torna cada dia mais extensa e mais profunda, exigindo remédios de caráter radical e permanente.

Atendendo a que, sob as instituições anteriores, não dispunha o Estado de meios normais de preservação e de defesa da paz, da segurança e do bem-estar do povo;

Com o apoio das forças armadas e cedendo às inspirações da opinião nacional, umas e outras justificadamente apreensivas diante dos perigos que ameaçam a nossa unidade e da rapidez com que se vem processando a decomposição das nossas instituições civis e políticas:

Resolve assegurar à Nação a sua unidade, o respeito à sua honra e à sua independência, e ao povo brasileiro, sob um regime de paz política e social, as condições necessárias à sua segurança, ao seu bem-estar e à sua prosperidade, decretando a seguinte Constituição, que se cumprirá desde hoje em todo o país:

CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL."

Fonte: BARRETO, C.E. *Constituições do Brasil*. São Paulo: Edição Saraiva, 1971. 6.ed. pp.241; 429-430.

Texto 040: O Estado Novo - proclamação ao povo brasileiro

Natureza e data do texto:

Discurso lido por Getúlio Vargas no Palácio Guanabara diante dos microfones do Departamento de Propaganda (embrião do DIP) e irradiado para todo o país, durante a *Hora do Brasil*, na noite de 10 de novembro de 1937. Nele, o presidente justifica o fechamento do Congresso (que amanheceu cercado por tropas do Exército) e a decretação de uma nova constituição, a qual, na verdade, já estava pronta desde abril; o Plano Cohen, divulgado em 30 de setembro, fornecera o pretexto ideal para o endurecimento do regime. No discurso, Getúlio esclarece os objetivos do novo regime. Para facilitar a análise, os parágrafos foram numerados.

"Proclamação ao povo brasileiro: o Estado Novo

- 1. [...] Para reajustar o organismo político às necessidades econômicas do país e garantir as medidas apontadas, não se oferecia outra alternativa além da que foi tomada, instaurando-se um regime forte, de paz, de justiça e de trabalho. Quando os meios de governo não correspondem mais às condições de existência de um povo, não há outra solução, senão mudá-los, estabelecendo outros moldes de ação.*
- 2. A Constituição hoje promulgada criou uma nova estrutura legal, sem alterar o que se considera substancial nos sistemas de opinião: manteve a forma democrática, o processo representativo e a autonomia dos Estados, dentro das linhas tradicionais da federação orgânica.*
- 3. Circunstâncias de diversa natureza apressaram o desfecho deste movimento, que constitui manifestação de vitalidade das energias nacionais extra-partidárias. O povo o estimulou e acolheu com inequívocas demonstrações de regozijo, impacientado e saturado por lances entristecedores da política profissional; o Exército e a Marinha o reclamaram como imperativo da ordem e da segurança nacional.*
- 4. Ainda ontem, culminando nos propósitos demagógicos, um dos candidatos presidenciais mandava ler da tribuna da Câmara dos Deputados documento francamente sedicioso e o fazia distribuir nos quartéis das corporações militares, que, num movimento de saudável reação às incursões facciosas, souberam repelir tão aleivosa exploração, discernindo, com clareza, de que lado estavam, no momento, os legítimos reclamos da consciência brasileira.*
- 5. Tenho suficiente experiência das asperezas do poder para deixar-me seduzir pelas suas exterioridades e satisfação de caráter pessoal; jamais concordaria, por isso, em permanecer à frente dos negócios públicos se tivesse de ceder quotidianamente às mesquinhas injunções da acomodação política, sem a certeza de poder trabalhar, com real proveito, pelo maior bem da coletividade.*
- 6. Prestigiado pela confiança das forças armadas e correspondendo aos generalizados apelos dos meus concidadãos, só acedi em sacrificar o justo repouso a que tinha direito, ocupando a posição em que me encontro com o firme propósito de continuar servindo à Nação.*
- 7. As decepções que o regime democrático trouxe ao país não se limitaram ao campo moral e político.*
- 8. A economia nacional, que pretendia participar das responsabilidades do Governo, foi também frustrada nas suas justas aspirações. Cumpre restabelecer, por meio adequado, a eficácia da sua intervenção e colaboração na vida do Estado. Ao invés de pertencer a uma assembléia política, em que,*

- é óbvio, não se encontram os elementos essenciais às suas atividades, a representação profissional deve constituir um órgão de cooperação na esfera do poder público, em condições de influir na propulsão das forças econômicas e de resolver o problema do equilíbrio entre o capital e o trabalho.*
- 9. Considerando de frente e acima dos formalismos jurídicos a lição dos acontecimentos, chega-se a conclusão iniludível, a respeito da gênese política das nossas instituições: elas não corresponderam, desde 1889, aos fins para que se destinavam.*
 - 10. Um regime que, dentro dos ciclos prefixados de quatro anos, quando se apresentava o problema sucessório presidencial, sofria tremendos abalos, verdadeiros traumatismos mortais, dada a inexistência de partidos nacionais e de princípios doutrinários que exprimissem as aspirações coletivas, certamente não valia o que representava e operava, apenas, em sentido negativo.*
 - 11. Numa atmosfera privada de espírito público, como essa em que temos vivido, onde as instituições se reduzem às aparências e aos formalismos, não era possível realizar reformas radicais sem a preparação prévia dos diversos fatores da vida social.*
 - 12. Torna-se impossível estabelecer normas sérias e sistematização eficiente à educação, à defesa e aos próprios empreendimentos de ordem material, se o espírito que rege a política geral não estiver conformado em princípios que se ajustem às realidades nacionais.*
 - 13. Se queremos reformar, façamos, desde logo, a reforma política. Todas as outras serão conseqüências desta, e sem ela não passarão de inconsistentes documentos de teoria política.*
 - 14. Passando do Governo propriamente dito ao processo da sua constituição, verificava-se, ainda, que os meios não correspondiam aos fins. A fase culminante do processo político sempre foi a da escolha de candidato à Presidência da República. Não existia mecanismo constitucional prescrito a esse processo. Como a função de escolher pertencia aos partidos e como estes se achavam reduzidos a uma expressão puramente nominal, encontrávamos em face de uma solução impossível, por falta de instrumento adequado. Daí, as crises periódicas do regime, pondo, quadrienalmente, em perigo a segurança das instituições. Era indispensável preencher a lacuna, incluindo na própria Constituição, o processo de escolha dos candidatos à suprema investidura, de maneira a não se reproduzir o espetáculo de um corpo político desorganizado e perplexo, que não sabe, sequer, por onde começar o ato em virtude do qual se define e afirma o fato mesmo da sua existência.*
 - 15. A campanha presidencial, de que tivemos, apenas, um tímido ensaio, não podia, assim, encontrar, como efetivamente não encontrou, repercussão no país. Pelo seu silêncio, a sua indiferença, o seu desinteresse, a Nação pronunciou julgamento irrecorrível sobre os artifícios e as manobras a que se habituou a assistir periodicamente, sem qualquer modificação no quadro governamental que se seguia às contendas eleitorais. Todos sentem, de maneira profunda, que o problema de organização do Governo deve processar-se em plano diferente e que a sua solução transcende os mesquinhos quadros partidários, improvisados nas vésperas dos pleitos, com o único fim de servir de bandeira a interesses transitariamente agrupados para a conquista do poder.*

16. *A gravidade da situação que acabo de escrever em rápidos traços está na consciência de todos os brasileiros. Era necessário e urgente optar pela continuação desse estado de coisas ou pela continuação do Brasil. Entre a existência nacional e a situação de caos, de irresponsabilidade e de desordem em que nos encontrávamos, não podia haver meio termo ou contemporização.*
17. *Quando a competição política ameaça degenerar em guerra civil, é sinal de que o regime constitucional perdeu o seu valor prático, subsistindo, apenas, como abstração. A tanto havia chegado o país. A complicada máquina de que dispunha para governar-se não funcionava. Não existiam órgãos apropriados através dos quais pudesse exprimir os pronunciamentos da sua inteligência e os decretos da sua vontade.*
18. *Restauremos a Nação na sua autoridade e liberdade de ação: - a sua autoridade, dando-lhe os instrumentos de poder real e efetivo com que possa sobrepor-se às influências desagregadoras, internas ou externas; na sua liberdade, abrindo o plenário do julgamento nacional sobre os meios e os fins do Governo e deixando-a construir livremente a sua história e o seu destino."*

Fonte: VARGAS, Getúlio. *A Nova Política do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1938. Vol. V, pp.28-32. Apud : FENELON, Dea Ribeiro. *50 Textos de História do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1974.

Texto 041: O Estado Novo e as classes trabalhadoras

Natureza e data do texto:

Discurso pronunciado por Getúlio Vargas quando da assinatura de decretos leis referentes às classes trabalhadoras do país - no Palácio Guanabara a 1º de maio de 1938. A partir de então, até 1945, em cada primeiro de maio, no estádio de São Januário (e em 1944 no Pacaembu em S.Paulo), Getúlio dirigia-se aos "trabalhadores do Brasil" (expressão utilizada pela primeira vez na inauguração do prédio do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio no 1º aniversário do Estado Novo em 10 novembro de 1938) anunciando-lhes um "presente" da festa:

1938: o regulamento do salário-mínimo [já previsto na constituição de 34], e o decreto-lei relativo à isenção de impostos para habitações proletárias;

1939: criação da Justiça do Trabalho;

1940: a fixação do salário-mínimo;

1941: a instalação da Justiça do Trabalho juntamente com o lançamento da *Marcha para o Oeste*;

1942: o anúncio do esforço da Batalha da Produção;

1943: CLT

1944: Nova Lei Orgânica da Previdência.

Obs: os parágrafos foram numerados para facilitar a análise.

"1. Operários do Brasil: no momento em que se festeja o 'Dia do Trabalho', não desejei que esta comemoração se limitasse a palavras, mas que fosse traduzida em fatos e atos que constituíssem marcos imperecíveis, assinalando pontos luminosos na marcha e na evolução das leis sociais do Brasil.

2. Nenhum governo, nos dias presentes, pode desempenhar as sua função sem satisfazer as justas aspirações das massas trabalhadoras. (Muito bem; palmas).

3. *Podeis interrogar, talvez: Quais são as aspirações das massas obreiras, quais são os seus interesses? E eu vos responderei: a ordem, e o trabalho! (Muito bem: palmas prolongadas).*

4. *Em primeiro lugar, a ordem, porque na desordem nada se constrói: porque, num país como o nosso, onde há tanto trabalho a realizar, onde há tantas iniciativas a adotar, onde há tantas possibilidades a desenvolver, só a ordem assegura a confinação e a estabilidade. (Muito bem).*

5. *O trabalho só se pode desenvolver em ambiente de ordem. Por isso, a Lei do Salário Mínimo, que vem trazer garantias ao trabalhador, era necessidade que há muito se impunha. Como sabeis, em nosso país, o trabalhador, principalmente o trabalhador rural, vive abandonado, percebendo uma remuneração inferior às suas necessidades. (Muito bem).*

6. *No momento em que se providencia para que todos os trabalhadores brasileiros tenham casa barata, isentos dos impostos de transmissão, torna-se necessário, ao mesmo tempo, que, pelo trabalho, se lhes garanta a casa, a subsistência, o vestuário, a educação dos filhos. (Muito bem: palmas prolongadas).*

7. *O trabalho é o maior fator da elevação da dignidade humana.*

8. *Ninguém pode viver sem trabalhar (Muito bem); e o operário não pode viver ganhando apenas o indispensável para não morrer de fome (Muito bem; aplausos prolongados). O trabalho justamente remunerado eleva-o na dignidade social. Além dessas condições, é forçoso observar que num país como o nosso, onde em alguns casos há excesso de produção, desde que o operário seja melhor remunerado, poderá, elevando seu padrão de vida, aumentar o consumo, adquirir mais dos produtores e, portanto, melhorar as condições do mercado interno. Após a série de leis sociais com que tem sido amparado e beneficiado o trabalhador brasileiro, a partir da organização sindical, da Lei dos Dois Terços, que terá de ser cumprida e que está sendo cumprida (Muito bem; palmas prolongadas), das férias remuneradas, das caixas de aposentadoria e pensões, que asseguram a tranquilidade do trabalhador na invalidez e a dos seus filhos na orfandade, a Lei do Salário Mínimo virá assinalar, sem dúvida, um marco de grande relevância na evolução da legislação social brasileira. Não se pode afirmar que seja o seu termo, porque outras se seguirão.*

9. *Um operário: Confiamos em Vossa Excelência (Muito bem; palmas).*

10. *O Sr. Presidente Getúlio Vargas. - O orador operário, que foi o intérprete dos sentimentos de seus companheiros, declarou, há pouco, que a legislação social do Brasil veio a estabelecer a harmonia e a tranquilidade entre empregados e empregadores. É esta uma afirmativa feliz, que ecoou bem no meu coração (muito bem; palmas). Não basta, porém, a tranquilidade e a harmonia entre empregados e empregadores. É preciso a colaboração de uns e outros no esforço espontâneo e no trabalho comum em bem dessa harmonia, da cooperação e do conagraçamento de todas as classes sociais. (Muito bem; aplausos prolongados). O movimento de 10 de novembro pode ser considerado, sob certos aspectos, como um reajustamento dos quadros da vida brasileira (Muito bem: palmas). Esse reajustamento terá de se realizar, e já se vem realizando, exatamente pela cooperação de todas as classes. O Governo não deseja, em nenhuma hipótese, o dissídio das classes nem a predominância de umas sobre as outras (Muito bem). Da fixação dos preceitos do cooperativismo na Constituição de 10 de novembro deverá ocorrer, naturalmente, o estímulo vivificador do espírito de colaboração entre todas as categorias do trabalho e de produção. Essa*

colaboração será efetivada na subordinação ao sentido superior da organização social. Um país não é apenas um conglomerado de indivíduos dentro de um trecho de território, mas principalmente, a unidade da raça, a unidade da língua, a unidade do pensamento nacional (Muito bem, palmas).

11. É preciso, portanto, para a realização desse ideal supremo, que todos marchem unidos, em ascensão prodigiosa, heróica e vibrante, no sentido da colaboração comum e do esforço homogêneo pela prosperidade e pela grandeza do Brasil (Muito bem, muito bem, aplausos vibrantes)."

Fonte: VARGAS, Getúlio. *A Nova Política do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1938. Vol. IV, pp.203-205. *Apud* : FENELON, Dea Ribeiro. *50 Textos de História do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1974. pp.162-164.

Texto 042: O Músicas sobre a "Política de Boa Vizinhança"

Brasil Pandeiro (1941)

Assis Valente

Chegou a hora dessa gente bronzada mostrar seu valor / Eu fui à Penha, fui pedir à padroeira para me ajudar / Salve o Morro do Vintém, Pindura-Saia, eu quero ver / Eu quero ver o Tio Sam tocar pandeiro para o mundo sambar / O Tio Sam está querendo conhecer a nossa batucada / Anda dizendo que o molho da baiana melhorou seu prato / Vai entrar no cuscuz, acarajé e abará / Na Casa Branca já dançou a batucada de ioiô e iaiá / Brasil, esquentai vossos pandeiros / Iluminai os terreiros / Que nós queremos sambar / Há quem sambe diferente / Noutras terras, outra gente / Um batuque de matar / Batucada reuni vossos valores / Pastorinhas e cantores de expressão que não têm par / Ó, meu Brasil, Brasil, esquentai vossos pandeiros / Iluminai os terreiros / Que nós queremos sambar.

Gravação utilizada: CD: Novos Baianos, *Acabou Chorare*. [1972] SIGLA, 1992. 400.1162.

Chiclete com banana

(Gordurinha e José Gomes)

Eu só boto Bebop no meu Samba / Quando o Tio Sam tocar um tamborim / Quando ele pegar num pandeiro e no zabumba / Quando ele entender que o samba não é rumba / Aí eu vou misturar, Miami com Copacabana / Chiclete eu misturo com banana e o meu samba vai ficar assim / Eu quero ver a confusão / É um samba rock meu irmão / É, mas em compensação / Eu quero ver um Boogie-woogie de pandeiro e violão / Quero ver o Tio Sam de frigideira / Numa batucada brasileira

Gravação utilizada: CD: Jackson do Pandeiro, *Grandes Sucessos* [1962] Sony Music, Columbia, s.d.. 721.249/ 2-4901 145.

Boogie Woogie na Favela (1945)

Denis Brean

Chegou o samba, minha gente / Lá da terra do Tio Sam com novidade / E ele trouxe uma cadência que é maluca / pra mexer toda cidade / e o boogie-woogie, boogie-woogie, boogie-woogie / a nova dança que balança mas não cansa / a nova dança que faz parte da Política da Boa-Vizinhança / E lá na Favela / Toda a batucada já tem boogie-woogie / Até as cabrochas / Já dançam, já falam / No tal boogie-woogie / E o nosso samba foi por isso que aderiu / Do Amazonas, Rio Grande, São Paulo e Rio / Ao boogie-woogie, boogie-woogie, boogie-woogie / A nova dança que surgiu

Gravação utilizada: CD: Roberto Silva, *Descendo o Morro no. 3*. [1960] Copacabana Records, divisão da EMI Music, 1999. 524531 2.

Texto 043: O O Cabo Laurindo e o fim do Estado Novo

(segundo os sambas de Wilson Batista)

- O personagem Laurindo já aparecera em *Triste Cuíca* de Noel Rosa e em *Laurindo* de Herivelto Martins entre outras; Wilson Batista prosseguiu com o tema:

Lá Vem Mangueira (carnaval 1944)

Lá vem Mangueira/ Outra vez descendo o morro com harmonia/ Lá vem Mangueira/ Sem Laurindo na frente da bateria/ Perguntei: Conceição, o que aconteceu? / Laurindo foi pro *front*, este ano não desceu/ Mandei perguntar sem ele aqui/ Se a Escola de Samba podia sair/ Ele respondeu: pode ensaiar/ Porque o povo precisa sambar/

Cabo Laurindo (1945)

Laurindo voltou coberto de glória/ Trazendo garboso no peito a Cruz da Vitória/ Oi, Salgueiro, Mangueira, Estácio, Matriz estão agindo/ Para homenagear o Cabo Laurindo/ As duas divisas que ele ganhou mereceu/ Conheço os princípios que Laurindo sempre defendeu/ Amigo da verdade, defensor da igualdade/ Dizem que lá no morro vai haver transformação/ Camarada Laurindo, estamos à sua disposição

Comício em Mangueira (carnaval de 1946)

Houve um comício em Mangueira/ O Cabo Laurindo falou/ Toda a Escola de Samba aplaudiu, é/ Toda a Escola de Samba chorou/ - Eu não sou herói - / Era comovente a sua voz/ - Heróis são aqueles/ Que tombaram por nós/ Houve missa campal, bandeira a meio-pau/ Toda a Escola de samba rezou/ Laurindo então lembrou os nomes/ Dos sambistas que tombaram/ Mangueira tomou parte na vitória/ Mangueira mais uma vez na história !

Texto 044: Esquema do Parque Proletário Número 1 (da Gávea) - 1942

Natureza e data do texto:

A partir de 1940 o governo federal inicia um plano para a “solução” do problema das favelas no Rio de Janeiro. É feito um recenseamento (ver Texto 038) e planeja-se a substituição das favelas por Parques Proletários, onde haveria igreja, posto médico, centro de assistência, clube de malha, escola de educação física, creche, lactário e posto policial. Em maio de 1942 é inaugurado o Parque Proletário da Gávea e logo em seguida o Parque Proletário do Caju. O grandioso plano parou por aí, com quatro favelas destruídas e três parques instalados (o 3º. era o da Praia do Pinto), abrangendo de 7 a 8 mil pessoas.



1. Pequena ponte
2. Escola
3. Grupo em construção
4. Centro Social
5. Grupo em construção
6. Idem
7. Mastro
8. Grupo residencial
9. Escola infantil
10. Grupo residencial
11. Grupo residencial
12. Grupo residencial
13. Grupo residencial
14. Grupo residencial
15. Sanitários
16. Feijoaria
17. Grupo em construção
18. Igreja
19. Grupo residencial
20. Grupo residencial
21. Sanitários 21^A e 21b - Tanques
22. Grupo residencial
23. Bica
24. Grupo residencial
25. Creche
26. Jardim de infância
27. Sanitários
28. Controle policial
29. Posto médico
30. Sanitários
31. Administração
32. Poste de iluminação
33. Grupo residencial
34. Grupo residencial
35. Grupo residencial 35^a e 35b - Tanques
36. Grupo residencial
37. Rink de sport
38. Clube recreativo
39. Sanitários
40. Grupo residencial
41. Grupo residencial
42. Grupo residencial
43. Riacho